

Analizando Dados Qualitativos

Contextualizando

O que Ouviu os Meus Versos (Albano Caetano – heterônimo de Fernando Pessoa)

O que ouviu os meus versos disse-me: "Que tem isso de novo?"

Todos sabem que uma flor é uma flor e uma árvore é uma árvore."

Mas eu respondi, nem todos, (?.....)

Porque todos amam as flores por serem belas, e eu sou diferente

E todos amam as árvores por serem verdes e darem sombra, mas eu não.

Eu amo as flores por serem flores, diretamente.

Eu amo as árvores por serem árvores, sem o meu pensamento.

Nesse poema o autor discute o entendimento de coisas que, a princípio, parecem não ser mutáveis, como a flor e a árvore. Em sua opinião algumas pessoas apreciam a flor não pelo que ela é, mas pela interpretação que fazem dela. Ao mesmo tempo, afirma ser diferente por amar as flores "por serem flores". Sobre esta questão, responda:

- > Ao afirmar que ama as flores por serem flores, o autor já faz sua interpretação da realidade?
- > Se flores e árvores são coisas com uma essência, como é possível que na apreensão dessa coisa mudemos o que ela é?
- > É possível perceber uma mesma realidade de formas diferentes?

Nem sempre as pessoas percebem uma mesma situação exatamente da mesma forma. Quantas vezes, por exemplo, você já viu alguém feliz porque o dia está ensolarado e outro alguém bastante chateado pelo mesmo sol? As pessoas fazem interpretações pessoais de uma realidade objetiva, e é essa interpretação que compõe os dados das pesquisas qualitativas. Vamos ver como agir para analisar esse tipo de pesquisa?

Estudo de caso

Pesquisa Nacional Qualidade da Educação: a escola pública na opinião dos pais

Em 2004, o INEP realizou uma pesquisa para aferir a qualidade da educação na escola pública brasileira. O objetivo era compreender a percepção dos pais acerca da qualidade do ensino que atenda seus filhos. A primeira fase teve um caráter qualitativo e exploratório, e utilizou o método de *focus group*. Esta fase exploratória serviu para dar subsídios para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa, que seria realizada em seguida com 10 mil participantes. O resultado do *focus group* foi dividido em várias partes. Na parte que trata dos professores, a fala dos pais sinalizou que o professor está no centro da atenção do aluno quando este é convidado a refletir sobre a escola. Também é atribuído ao professor toda a responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso do aluno. Os entrevistados percebiam, também, o professor da escola pública como mais capacitado que o da escola particular por ter ingressado por meio de concurso. Mas, por ser visto como um funcionário público, categoria que, por ser protegida pelas regulamentações trabalhistas, não exige grande dedicação profissional, parece ter menos compromisso com a aprendizagem.

A pesquisa qualitativa aqui apresentada traz a percepção dos pais sobre o nível de qualidade das escolas públicas. É um trabalho que se debruça sobre a percepção das pessoas visando ao conhecimento de uma realidade que não é passível de ser medida.

Antes de continuar a leitura deste capítulo, responda:

- > Qual a importância de se identificar a percepção das pessoas sobre um assunto?
- > Como analisar dados que se referem à percepção das pessoas?
- > Que resultados são esperados em uma pesquisa qualitativa?

Conceitos para entender a prática

As pesquisas qualitativas são essenciais para a compreensão dos diversos fenômenos das ciências humanas. Vimos, no capítulo anterior, como os dados para essas pesquisas devem ser coletados. Agora é chegada a hora de trabalhar esses dados.

Os objetivos deste capítulo são:

- > Compreender como analisar dados de pesquisas com abordagem qualitativa.
- > Conhecer o método da análise de conteúdo.
- > Identificar os passos para a realização da análise de conteúdo.

Análise de conteúdo

O método mais utilizado para se analisar dados qualitativos é a análise de conteúdo. O século XIX é, como se sabe, o período histórico no qual a psicologia se firmará como ciência humana

orientada para a compreensão das questões interiores que “comandam” o comportamento das pessoas. Provavelmente esse espaço tomado pela psicologia em paralelo ao início da análise sistemática da mensagem foi fator preponderante para que a análise de conteúdo se estabelecesse.

As pesquisas qualitativas partem do princípio de que a realidade não existe por si só, mas na interpretação que as pessoas fazem da realidade. De todas as manifestações humanas, a fala é a expressão mais simples para comunicar a interpretação de um fenômeno.

Uma questão comum quando se começa a tentar compreender a análise de conteúdo como um método de análise de dados é entender por que analisar algo que já é dado. Diferente da análise quantitativa, quando se possui uma enorme gama de dados para serem reorganizados, tornando-os informações que permitam que o conhecimento se construa, nas pesquisas qualitativas as informações já estão lá. Não são dados brutos. São a análise do sujeito da pesquisa sobre um determinado fato, levantado por meio de entrevistas ou de observações. Trata-se, pois, de uma dúvida justa, na medida em que se desvincula o discurso daquele que o profere de seu contexto, suas crenças, sua cultura. Sabendo que tal desvinculação não é possível, o trabalho do pesquisador reside exatamente aí: na identificação das causas e consequências que essas relações estabelecem. Exemplificando para tentar esclarecer esta ideia, imagine que uma pesquisa que visa a identificar as razões que levam um determinado grupo de crianças a evadirem no primeiro segmento do ensino fundamental identifique verbalizações desses alunos do tipo: “não gosto da escola”, “a escola é chata”, “prefiro trabalhar”. Ora, a verdadeira resposta não está no que é tangível, mas na compreensão das possíveis conjecturas entre o que é explícito e o que não é. Aí está o grande desafio do pesquisador da educação que se apropria de abordagens qualitativas. Franco (2008) esclarece que a aplicação da análise de conteúdo pressupõe clara diferenciação entre o significado da coisa (seu *corpus*) e o sentido da coisa (a atribuição pessoal de um significado).

Como realizar uma análise de conteúdos, então? Primeiramente, é preciso ter clareza de que o objeto de estudo, quando se aplica a análise de conteúdo, é uma mensagem. E há que se recordar também que a mensagem possui diversas formas de manifestação (gestos, expressões) que não somente a verbal. Além disso, ao contextualizar uma mensagem diversos fatores devem ser levados em consideração:

- Quem emite a mensagem.
- Para quem se emite a mensagem.
- Qual o meio utilizado.

A análise do conteúdo está fortemente ligada ao estabelecimento da psicologia como uma ciência autônoma, porque ambas buscam compreender a essência do fenômeno pela ótica do sujeito.

- Qual a intenção empregada.
- Qual o objetivo alcançado.

Frequentemente encontramos pesquisas qualitativas que se limitam a descrever tais questões considerando que a descrição é, por si, uma análise. Não é. Descrever um fato não implica necessariamente conhecê-lo em sua essência. E, ao optar por realizar uma pesquisa qualitativa, independentemente do procedimento técnico escolhido, o que se busca é a verdade do fenômeno. Portanto, a mera descrição não se configurará em pesquisa.

A análise de conteúdo será feita sobre uma mensagem considerando algum aspecto relevante. São três os principais métodos de análise:

| Método lógico-estético | Método lógico-semântico | Método semântico-estrutural |
|--|--|--|
| Atribui valor à forma apresentada no discurso. Por este tipo de análise, o pesquisador focará na estética incorporada aos dados coletados, que se manifesta por meio de vocabulário específico, girias, estruturas frasais, “muletias” de fala, figuras de linguagem, dentre outros. A lógica, portanto, reside na percepção da “casca” utilizada na construção da expressão dos sujeitos da pesquisa. | Diferencia-se profundamente do anterior. Neste, o pesquisador se debruçará sobre o significado do conteúdo coletado. Não importa a forma escolhida ou a estética do discurso. O conteúdo passa a ser preponderante. É importante tornar a ressaltar que o conteúdo do discurso é uma interpretação do pesquisador, que busca limar sua subjetividade no momento da aplicação da análise. No caso das abordagens qualitativas este é o método de escolha para análise nas ciências sociais. | Propõe-se a ser um equilíbrio entre os outros dois. Neste, ao mesmo tempo em que se valoriza o conteúdo do discurso, um peso relevante é atribuído à forma como este é apresentado. Frequentemente encontram-se pesquisas que têm a pretensão de apresentar este tipo de análise, mas acabam se mantendo somente no nível da forma ou do conteúdo. |

Baseado em Muchielli (1977).

Os três métodos apresentados para a análise de conteúdo são formas de apropriação do discurso do sujeito da pesquisa por parte do pesquisador com o objetivo de se chegar a conclusões que tragam (ou não) respostas aos problemas inicialmente levantados. Acontece que esses métodos apresentam apenas o começo do trabalho, já que as outras

etapas o sucedem e terão grande similaridade. Uma análise de conteúdo tem o propósito de, ao fim, identificar causas e/ou consequências de um determinado evento. Para isso, visa categorizar os dados levantados para encontrar similitudes. Essas similitudes permitem que o pesquisador faça inferências, formulando respostas plausíveis e orientadas exclusivamente pelos dados da pesquisa.

Como você estudou nos primeiros capítulos, as ciências humanas e sociais não permitem a criação de leis, somente de princípios. O estudo qualitativo é um exemplo que justifica essa questão: não só o evento varia quando há mudança de contexto como as próprias categorias a serem desenvolvidas variarão, dependendo do entendimento do pesquisador. A variação no desenvolvimento das categorias se deve, principalmente, ao modelo de inferência que o pesquisador faz. Uma categoria (principalmente quando se opta pela abordagem lógico-semântica) é uma inferência pessoal baseada em dados. Mas, afinal, como categorizar dados de entrevistas e observações?

Categorias para a análise de dados qualitativos

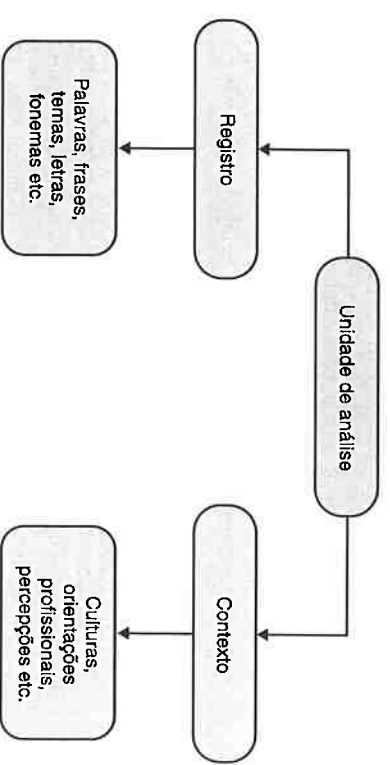
Quando se chega ao ponto de começar a categorizar os dados coletados em uma entrevista é porque todo o processo de planejamento já foi pensado e executado. Para isso, você precisa saber o que é uma unidade de análise. Unidade de análise é a menor parte dos dados que será considerada para o entendimento do resultado de uma pesquisa. Portanto, a unidade está diretamente relacionada ao método. Se o método é estético, a unidade é o registro. Se o método é semântico, a unidade é o contexto.

Vale lembrar!

Unidade de análise é a menor parte dos dados que será considerada na análise. No caso da abordagem qualitativa, quando o método é estético a unidade é o registro. Quando o método é semântico, a unidade é o contexto.

O **registro** como unidade de análise exige que o investigador busque a menor unidade possível, orientando-se primordialmente pela forma. Portanto, utiliza-se neste caso principalmente a palavra. Algumas pesquisas podem utilizar frases, temas, letras, fonemas, mas a palavra ainda é a unidade mais comum.

O **contexto** como unidade de análise demanda do pesquisador uma coleta de dados para além do que foi trazido por quem foi sujeito da pesquisa, já que aborda o que foi explícito e o que foi escondido. A unidade contextual utiliza culturas, orientações profissionais, percepções etc. como base conceitual.



Definida a unidade contextual já é possível iniciar a pré-análise dos dados. Esta etapa engloba a leitura superficial para o domínio do assunto, a escolha dos documentos que serão alvo central da investigação e que darão o suporte teórico-conceitual e a formulação de hipóteses.

Uma entrevista, como vimos no capítulo anterior, tem sua coleta de dados focada na fala do sujeito que compõe a amostra. Então, sua fala passa a ser o elemento de análise. Para que se possa trabalhar com esses dados é necessário transcrevê-los. Transcrever os dados de uma entrevista significa migrá-los do áudio para a escrita. É possível prever que esse trabalho é realizado escurtando as gravações (quando houver) e redigindo. É extremamente cansativo realizar a transcrição de entrevistas, o que faz com que alguns pesquisadores recorram à contratação de terceiros para executar esta atividade. Não se pode afirmar que contratar uma pessoa para transcrever entrevistas seja errado, mas certamente não é a melhor opção. Ao realizar a transcrição o pesquisador aumenta sua proximidade com os dados, afinal ao transcrever necessariamente se faz uma leitura e uma análise preliminar.

Nas observações o registro é feito por meio da percepção de quem coleta os dados. Neste caso não há necessidade de transcrição, mas de compilação do material. Ou seja, é preciso que as anotações realizadas estejam organizadas de forma coerente, seja por data, assunto, local ou qualquer outro tipo de critério que possibilite a realização da investigação analítica desses dados.

Após ter todas as entrevistas transcritas ou as observações organizadas, é chegado o momento de categorizar. Para isso são possíveis dois caminhos: desenhar as categorias previamente ou fazer as categorias emergirem dos dados.

Desenhar categorias previamente: nesta situação o investigador já possui categorias as quais irá encaixar seus dados antes mesmo de conhecê-los. Isso só é possível quando a parte de uma outra pesquisa que já definiu essas categorias. Afinal, elas não surgiram do nada.

Categorias que emergem dos dados: aqui, a análise exaustiva dos dados leva o pesquisador a criar categorias nas quais seja possível encaixar as informações que surgem. Esta forma de trabalho requer muito cuidado por parte de quem cria as categorias a fim de se evitar indúncias, ou seja, criar categorias por crença pessoal, já que estas não surgiram dos dados.

As categorias desenhadas previamente têm a vantagem de direcionar a busca do pesquisador, já que é sabido anteriormente com exatidão o que se deseja encontrar quando se mergulha nos dados. Contudo, têm a grande desvantagem de limitar a investigação não apenas pelas reduzidas possibilidades do conjunto de categorias definidas, mas também pela orientação mental do investigador, que tende a direcionar sua interpretação.

As categorias que emergem dos dados apresentam a grande vantagem de permitir uma análise rica, já que não há a limitação de um desenho prévio. Entretanto, exigem profundo conhecimento da metodologia e do conteúdo que está em investigação para que não se crie um excesso de possibilidades que inviabilizam a chegada a uma conclusão.

Você sabia?

Categorias, segundo o dicionário Michaelis, têm o significado de classes nas quais se organiza uma ideia ou um conceito.

Algumas sugestões para a construção de categorias são:

1. **Buscar intimidade com as anotações ou transcrições:** quanto mais próximo das falas você estiver, mais simples será chegar a uma conclusão.
2. **Respeitar o tempo disponível:** a familiarização com os dados requer tempo. Portanto, é melhor analisar profundamente poucos dados do que analisar superficialmente muitos dados.
3. **Descrever os dados analisando-os:** a análise e a descrição de dados são dois processos diferentes, mas que podem acontecer simultaneamente, reduzindo o tempo investido na pesquisa e aperfeiçoando as conclusões.
4. **Separar por unidades de significados:** só será possível chegar as categorias se houver uma sólida compreensão das unidades de significados. Portanto, separar essas unidades deve preceder a estruturação das categorias.
5. **Buscar padrões e temas:** vimos antes que as unidades de significado antecedem as categorias. Pois bem, as categorias nada mais são do que a combinação de unidades de significado que se assemelham.

6. **Observar a natureza das tipificações e percepções:** a fala das pessoas vem carregada de crenças e de percepções individuais. Frequentemente essas percepções são muito mais importantes do que aquilo que o sujeito da pesquisa explicita. Ser capaz de observar essa natureza possibilita a realização de uma metanálise (para além do que foi falado).

7. **Refletir sobre as revelações do entrevistado ou dos dados observados:** a entrevista e a observação não costumam ser momentos tranquilos para o sujeito (e muitas vezes também não são para o pesquisador). Mas atingir a empatia nesse processo permite que se reflita sobre o que foi revelado, aprofundando a investigação.

8. **Triangular os dados:** a triangulação, como você já estudou, é uma forma de conferir os resultados obtidos. O mais comum nesta etapa da pesquisa qualitativa é que se triângule o método de análise, submetendo o mesmo dado a vários métodos.

Alguns princípios que são frequentemente considerados, na organização das categorias, são:

- > **Princípio da exclusão** – este princípio considera que sempre que um dado ou um conjunto de dados pertencer a uma categoria automaticamente estará excluído de todas as outras.
- > **Princípio da pertinência** – crê que um dado não pode ser integrado a uma categoria por “falta de escolha”. É preciso que o dado seja pertinente à categoria na qual será enquadrado.
- > **Princípio da objetividade** – ao ligar um dado a uma categoria é preciso ser objetivo para que não haja influência da subjetividade na organização dos resultados da pesquisa.

Um exemplo prático de análise de conteúdo

Para facilitar o entendimento de como funciona a análise de conteúdo, vamos ver um caso prático. Imagine que o investigador utilizou a entrevista como método de coleta de dados. O objetivo de sua pesquisa era identificar a percepção que um grupo de 5 crianças tinha a respeito da aula em uma escola específica e o que poderia ser melhorado. Para isso foram formuladas 3 questões:

1. Como são as aulas na sua escola?
2. Você gosta das aulas? Por quê?
3. Que atividades você gostaria que a professora fizesse?

Perceba que as três questões se completam e não geram, portanto, análises distintas, mas complementares. Vamos supor que as seguintes respostas foram obtidas:

| | Questão 1 | Questão 2 | Questão 3 |
|----------------|--|--|--|
| Aluno 1 | As aulas são muito bacanas. A professora brinca com a gente diversas vezes e nos diverte. | Gosto porque passam rápido e a professora é muito bacana. | Queria que tivesse mais jogos e brincadeiras. Às vezes ficamos muito tempo ouvindo a professora falar. |
| Aluno 2 | Normais. Brincamos com alguns jogos e a "tia" faz um discurso no final. | Gosto porque os colegas são legais. | As brincadeiras são a parte mais legal. Queria que a professora fizesse mais brincadeiras na aula. |
| Aluno 3 | São legais. Tem muita brincadeira e os colegas são muito bons. | Gosto dos colegas e da professora. A sala que estudamos também é muito bacana. | Às vezes a professora fica falando muito tempo. Queria mais jogos, se desse. |
| Aluno 4 | As aulas são divertidas. Tem jogo, brincadeira e a professora fala bastante também. Os colegas são legais. | Gosto por causa da professora e dos colegas. | Queria que ela brincasse mais. Às vezes ela fala muito. |
| Aluno 5 | Acho que normais, como em todas as escolas. | Gosto porque são divertidas. | Acho que está bom do jeito que está. Ela não precisa fazer nada não. |

Para este exercício não há categorias prévias. Ou seja, estas irão emergir do que foi trazido nas falas dos alunos. Vamos analisar primeiro as categorias que emergem das respostas à questão 1:

1. Aulas divertidas devido às brincadeiras.
2. Professora faz discursos que completam as atividades.

Para a questão 2, podemos encontrar as seguintes categorias:

1. Professora divertida.
2. Colegas bacanas.
3. Sala adequada.

Já para a questão 3 é possível identificar as seguintes categorias:

1. Mais jogos e brincadeiras.

2. Menos exposição oral por parte da professora.
3. Sem alterações.

Perceba que foram encontradas oito categorias:

1. Aulas divertidas devido às brincadeiras.
2. Professora faz discursos que completam as atividades.
3. Professora divertida.
4. Colegas bacanas.
5. Sala adequada.
6. Mais jogos e brincadeiras.
7. Menos exposição oral por parte da professora.
8. Sem alterações.

Se quisermos juntar estas categorias em grupos com focos mais precisos, teremos:

| Categorias | Focos |
|--|--------------------|
| Aulas divertidas devido às brincadeiras | Foco no método |
| Professora faz discursos que completam as atividades | Foco no método |
| Professora divertida | Foco na professora |
| Colegas bacanas | Foco no colega |
| Sala adequada | Foco no ambiente |
| Mais jogos e brincadeiras | Foco no método |
| Menos exposição oral por parte da professora | Foco no método |
| Sem alterações | Sem foco |

Veja que agora só temos quatro focos na fala dos entrevistados: método, professora, colegas e ambiente. Como a última categoria não apresenta foco, não é necessária para se chegar à resposta que a pesquisa busca.

Perceba que quatro categorias se relacionam ao método de ensino, enquanto uma se relaciona à professora, uma aos colegas e uma ao ambiente. É possível concluir que o método é o que mais pesa na fala desses alunos, enquanto os outros focos se apresentam com o mesmo grau de importância.

Contudo, chegar ao foco da fala dos entrevistados não conclui o trabalho. É preciso relacionar a fala a esses focos com o objetivo de identificar se a inferência faz sentido, além de exemplificar para quem consulta a pesquisa como se chegou a esse resultado. Nesse caso, analisemos os focos relacionados às respostas:

| |
|---|
| Foco no método |
| <ul style="list-style-type: none">> A professora brinca com a gente diversas vezes e nos diverte.> Brincamos com alguns jogos e a “tia” faz um discurso no final.> Tem muita brincadeira.> Tem jogo, brincadeira e a professora fala bastante também.> Gosto porque são divertidas.> Queria que tivesse mais jogos e brincadeiras.> As vezes ficamos muito tempo ouvindo a professora falar.> As brincadeiras são a parte mais legal.> Queria que a professora fizesse mais brincadeiras na aula.> As vezes a professora fica falando muito tempo.> Queria mais jogos, se desse.> Queria que ela brincasse mais.> As vezes ela fala muito. |
| Foco na professora |
| <ul style="list-style-type: none">> A professora brinca com a gente diversas vezes e nos diverte.> Tem jogo, brincadeira e a professora fala bastante também.> Gosto porque passam rápido e a professora é muito bacana.> Queria que ela brincasse mais.> As vezes ela fala muito. |
| Foco nos colegas |
| <ul style="list-style-type: none">> Tem muita brincadeira e os colegas são muito bons.> Porque os colegas são legais.> Gosto dos colegas e da professora. |
| Foco no ambiente |
| <ul style="list-style-type: none">> A sala que estudamos também é muito bacana. |

O objetivo inicial da pesquisa era identificar os pontos que podem ser melhorados em uma escola com base na percepção das crianças. O resultado acima já permite que o investigador execute sua análise. Lembre-se: a análise é do pesquisador, que faz relação com os dados levantados. Os dados em si não são o resultado de uma pesquisa.

Se fôssemos redigir o resultado da pesquisa apresentada como exemplo, teríamos que discutir diversos aspectos como:

- > A relevância que os entrevistados atribuem ao método;
- > Como professora e colegas têm o mesmo peso;
- > O ambiente da sala de aula foi lembrado pelos alunos.

Além disso, seria necessário comparar os focos descobertos com seu detalhamento. Veja que ao falar do método os alunos valorizam práticas lúdicas como forma de aprendizagem e consideram as exposições orais magantes. Contudo, acreditam que essas exposições são necessárias no sentido de se concluir um determinado assunto. Sabendo disso, torna-se mais fácil propor algo efetivo para a melhoria do ambiente na sala de aula, como a citação de professores para trabalhar com o lúdico, o investimento adequado de tempo em exposições orais ou ainda sua conversão em exposições dialogadas e o incentivo aos trabalhos executados em conjunto, dentre outros.

Certamente, o exemplo apresentado aqui é bastante limitado, mas permite que se visualize como efetuar uma análise de conteúdo e como fazer com que os dados qualitativos sejam trabalhados. Há pesquisas qualitativas que são extremamente longas, com dados que preencham inúmeras páginas. Saber utilizar o método, adequando-o às necessidades da investigação em questão, é uma responsabilidade do pesquisador.

Exercício de aplicação

Para praticar a análise de conteúdo, vamos transportá-la para uma situação real. Pegue uma revista informativa de grande circulação e busque uma entrevista com aproximadamente duas ou três páginas (essas revistas normalmente vêm recheadas de entrevistas). Identifique o objetivo da entrevista: apresentar um novo produto, discutir uma ideia, defender uma tese etc.

Agora, aplique o conteúdo visto neste capítulo na entrevista e veja se foi possível encontrar a resposta. Por exemplo, se a ideia era apresentar um produto, qual o foco central da fala do entrevistado? Que ponto mais aparece em seu discurso?

As entrevistas de jornais e revistas não têm caráter científico, mas são ótimos exercícios para praticar este método.

Para debater

Muitas vezes os pesquisadores acabam chegando a conclusões que não poderiam ser obtidas com a análise dos dados que foram coletados. Contudo, a leitura rápida e desatenta pode fazer com que pareça haver lógica no que é apresentado. Isso se chama falácia.

Falácias são raciocínios baseados em uma argumentação que, mesmo seguindo as ordens da lógica, levam a conclusões absurdas. Tais conclusões são baseadas em uma reflexão inconsistente.

Existem diversos tipos de falácias. Vamos ver alguns exemplos:

- > O automóvel causa poluição. Logo, se há poluição, há automóvel;
- > Diversas pessoas usam o relógio da marca A, portanto é o relógio de melhor qualidade;
- > Maria traiu João. Logo, todas as mulheres traem.

Discuta com seus colegas quais os melhores caminhos para se evitar que a análise de dados qualitativos se torne algum tipo de falácia.

Resumo executivo

- > O principal método de análise de dados qualitativos é a análise de conteúdo.
- > Analisar o conteúdo é compreender o que está por trás do que é explicitado nos dados.
- > A análise de conteúdo deve considerar quem emite a mensagem, para quem, por que meio e com qual objetivo.
- > O método lógico-estético considera a forma escolhida por quem emite a mensagem para realizar sua análise.
- > O método lógico-semântico considera o significado das mensagens emitidas, independentemente da forma utilizada.
- > O método semântico-estrutural é a busca do equilíbrio entre os métodos lógico-estético e lógico-semântico.
- > A unidade de análise é a menor parte a que se pode chegar com os dados coletados. Ela pode se referir ao registro da coleta dos dados ou ao contexto no qual os dados foram coletados.
- > Para categorizar, na análise de conteúdo, é possível definir categorias prévias ou fazê-las emergir dos dados.
- > Os passos para a análise de conteúdo são: buscar intimidade com as anotações ou transcrições; respeitar o tempo disponível; descrever os dados analisando-os; separar por unidades de significado; buscar padrões e temas; observar a natureza das tipificações e percepções; refletir sobre as revelações do entrevistado ou dos dados observados; triangular os dados.

- > Os princípios que devem ser considerados para a construção de categorias são: princípio da exclusão, princípio da pertinência e princípio da objetividade.

Teste seu conhecimento

- > Defina "análise de conteúdo".
- > Diferencie a abordagem lógico-estética da lógico-semântica.
- > Apresente os passos para a realização de uma análise de conteúdo.
- > Explique com suas palavras os princípios (exclusão, pertinência e objetividade) para a construção de categorias.
- > Cite um exemplo de um tipo de análise de dados qualitativos que não respeita a ética de pesquisa.